

**O FUTURO DE MARTIM:
POR UMA LIBERDADE NÃO-BURGUESA EM A MAÇÃ NO ESCURO, DE
CLARICE LISPECTOR**

**THE FUTURE OF MARTIM:
FOR A NON-BOURGEOIS FREEDOM IN “A MAÇÃ NO ESCURO”, BY CLARICE
LISPECTOR**

DOI 10.20873/uft2179-3948.2022v13n2p191-212

Fabício Lemos da Costa¹

Resumo: Este trabalho pretende refletir sobre a liberdade no romance *A maçã no escuro* (1961), de Clarice Lispector (1920-1977). Neste estudo, problematizaremos a ideia de liberdade que chamamos de autêntica — desligada de qualquer perspectiva racional, burguesa e capitalista. Trata-se, de acordo com a nossa abordagem, de uma vida livre que se revela futura — por vir —, onde se é possível conviver em alteridade com os seres orgânicos e inorgânicos, não os vendo como mercadoria, mas como intensificadores de experiência. Para este artigo, recorreremos às reflexões de Benjamin (2019), Bosi (2002), Buck-Morss (2012), Foucault (1994), Deleuze; Guattari (2011), Giorgi (2016), Nascimento (2021), Ginzburg (2003), entre outros.

Palavras-chave: *A maçã no escuro*, Clarice Lispector, Liberdade, Futuro, Alteridade.

Abstract: This paper intends to reflect on freedom in the novel “A maçã no escuro” (1961), by Clarice Lispector (1920-1977). In this study, we problematize the idea of freedom that we call authentic disconnected from any rational, bourgeois, capitalist perspective. It is, according to our approach, a free life that turns out to be future — to come — where it is possible to live in otherness with organic and inorganic beings, not seeing them as merchandise, but as enhancers of experience. For this article, we used the reflections of Benjamin (2019), Bosi (2002), Buck-Morss (2012), Foucault (1994), Deleuze; Guattari (2011), Giorgi (2016), Nascimento (2021), Ginzburg (2003), among others.

Keywords: “A maçã no escuro”, Clarice Lispector, Freedom, Future, Otherness.

Contanto que me deixem meu cabelo belo/ Meu cabelo belo como a juba de um leão/
Contanto que me deixem ficar na minha/ Contanto que me deixem ficar com minha
vida na mão/ Minha vida na mão/ Minha vida.

(9“Cultura e Civilização”, Gilberto Gil)

Pensou com fatuidade compenetrada, pois ele se livrara da grande culpa materializando-a. E agora, que enfim fora banido, estava livre. Ele era enfim um perseguido.

¹ Graduado em Letras — Língua Portuguesa — pela Universidade Federal do Pará (2012), Mestre em Letras — Estudos Literários — pela Universidade Federal do Pará (PPGL/UFPA, 2020). Atualmente, é doutorando em Estudos Linguísticos e Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará (PPGL/UFPA). Orcid: 0000-0001-5578-8315. E-mail: fabricao.lemos1987@yahoo.com.br.

(*A maçã no escuro*, Clarice Lispector)

1. Liberdade, resistência e impessoalidade na obra de Clarice Lispector

O romance *A maçã no escuro* tem como enredo uma história relativamente simples, caso seja pretendido um resumo. Trata-se do itinerário de um homem que foge da polícia, depois de ter cometido um ato de violência contra a esposa. Em situação de fuga, o sujeito encontra um hotel de pouco movimento, cujo dono é o Alemão. Desconfiado, continua a sua caminhada, passando por um jardim “primário” até chegar na fazenda de Vitória, onde passa a trabalhar com serviços gerais, mesmo tendo formação matemática, engenheiro que era.

Com publicação em 1961, *A maçã no escuro* recebeu os seus primeiros comentários da crítica especializada naquela mesma década². No tocante à crítica realizada nesse período próximo ao surgimento da obra no cenário literário brasileiro, temos o estudo de Benedito Nunes no “Suplemento Literário” de *O Estado de São Paulo*, em 20 de novembro de 1965³. Com o título de “O Jogo da linguagem”, interessamo-nos pelo viés que lê na narrativa uma perspectiva de liberdade em relação ao social. Para o crítico paraense, no itinerário da personagem,

O desligamento com a sociedade assinala, para Martim, o começo da experiência que deverá levá-lo ao fundo de si mesmo. Rompendo com a sociedade, ele rompeu igualmente com o mundo das palavras. E foi mais longe: aderiu ao silêncio, procurou identificar-se com a quietude, a placidez, a firmeza das coisas naturais: pássaros, rochas, deserto. (NUNES, 1965, p. 5)

Da leitura de Nunes, faz-se mister assinalarmos a ideia do rompimento do protagonista com a comunidade social, depois de ter praticado um suposto crime contra a esposa. Benedito Nunes, em sua reflexão, enfatiza esse afastamento dramático com a sociedade a partir da linguagem. Na compreensão do crítico (1965, p. 5), a linguagem está vinculada à existência,

² Da fortuna crítica de *A maçã no escuro* na década de 1960, podemos citar ainda o estudo de Luiz Costa Lima (1969). Sob o ponto em que estamos direcionando a nossa reflexão, ele aponta que em Clarice, a exemplo do *corpus* aqui analisado, as personagens são retiradas da “média ou alta classe burguesa cidadina”. No estilo de vida dessa camada social, é possível perceber que o lado selvagem do homem é abafado, muitas vezes. Em nossa compreensão, pensamos ser essa “brutalidade” selvagem um traço ligado à animalidade e à vida instintiva, em que pulsa a potência criativa (contrária à domesticação e ao conservadorismo), não tendo relação, portanto, com a violência do fascismo institucionalizado. Cf. LIMA, 1969, p. 98: “Um traço comum se desprendia das obras anteriores de Clarice Lispector: a busca de dizer o centro das coisas — o seu coração selvagem — quando atingido pelo olhar humano. Esquemáticamente, a situação comum seria a seguinte: a vida cerca os personagens de conforto, a segurança do seu dia a dia domestica a potência agressiva do mundo.”

³ Em 1966, Benedito Nunes publica o seu primeiro estudo (formato livro) dedicado inteiramente à escritora. Trata-se do livro *O Mundo de Clarice Lispector*. Na introdução, Nunes (1966, p. 11) aponta que a sua “tentativa para interpretar” a literatura de Lispector tem relação com o crescimento da “importância” da ficção clariciana, sobretudo depois do “aparecimento de *A maçã no escuro*.”

entrelaçando “a identidade pessoal e a do ser”. Vê-se que o intérprete elabora a sua leitura a partir de uma perspectiva existencialista, na qual inclui a moderna filosofia da linguagem. Ainda segundo ele, “o seu esforço para ser, confundindo-se com a necessidade de expressar-se, exterioriza-se como embate travado na linguagem e contra linguagem que tem como objetivo desvencilhar-se do estado social” (NUNES, 1965, p. 5).

Neste bojo, considerando a discussão da “liberdade” do fugitivo, cuja interpretação de Nunes tem como cerne questões que corroboram o próprio sentido “existencial”, influenciado pelos instrumentais filosóficos de Sartre e Heidegger, entre outros, problematizaremos o significado de vida livre na experiência do homem, dado como parâmetro que impulsiona o questionamento em torno do “rompimento social”. Para isto, trataremos de questões que envolvem os traços individuais burgueses, por outro lado, nosso interesse na leitura de *A maçã no escuro* dá-se pelo valor de independência autêntica, visto como um estado por vir, desvinculado de qualquer lógica totalizante e centralizadora.

Neste artigo, discutiremos a “liberação” de Martim, compreendendo-a na perspectiva que retira a potência da vida livre das amarras da compreensão “capitalista-globalizante-homogeneizadora”. Para a sociedade capitalista, a liberdade encontra-se intimamente ligada à noção burguesa de relação social. Poder-se-ia dizer que se trata, assim, como explica Jaime Ginzburg (2003, p. 85), recorrendo ao ensaio *O Sujeito e a Norma*, de Gerd Bornheim, de uma “concepção moderna de individualidade”, entendendo-a como “projeto político burguês, fundamental no capitalismo moderno”.

Comentando esta compreensão de mundo, Ginzburg (2003, p. 85), afirma que as concepções fundantes do mundo capitalista são: “autonomia, a valorização do trabalho e a propriedade privada”. Em suma, para ele, a liberdade gerida pelo capital tem relação com a “crença” da garantia das livres escolhas, significando a “independência” do sujeito.

Dessa forma, quando voltamos à interpretação de Benedito Nunes, devemos questionar o que significa a saída provisória da sociedade. Em outras palavras, romper com o ideal de emancipação burguesa, implica o encontro com outras formas livres? Além disso, questionamos: que tipo de estágio emancipatório se inaugura na experiência de Martim? São questões que tentaremos responder ao longo de nosso estudo. No entanto, como viés introdutório, adiantamos, na esteira do pensamento de Ginzburg (2003, p. 85), que a ficção clariciana não compartilha do projeto burguês de independência e individualidade, perfazendo-se, ao contrário, em traços de fuga de qualquer desejo totalizante.

Confirmando esta noção da autonomia como marca individualista que se programa na promoção social do sujeito, clave do liberalismo econômico, e de uma “mentalidade capitalista”, Afrânio Mendes Catani sublinha:

A ideia principal neste modo de pensar refere-se à extrema valorização do trabalho, da prática de uma profissão (vocação) na busca da salvação individual. A criação de riquezas pelo trabalho e poupança seria um sinal de que o indivíduo pertenceria ao grupo dos “predestinados”. (CATANI, 1995, p. 7)

Das leituras críticas que trabalham com as questões de nosso interesse para este estudo, enfatizamos as interpretações que começam a surgir a partir dos anos 2000. Desse período, destacam-se as críticas de Carlos Mendes de Sousa (*Clarice Lispector: figuras da escrita*, 2000) e Simone Curi (*A Escritura Nômade de Clarice Lispector*, 2001). Da crítica mais recente, as leituras de Evando Nascimento, à luz de Derrida, apontam para novos caminhos na obra de Lispector, como temos nos livros *Clarice Lispector: uma literatura pensante* (2012) e *O Pensamento vegetal: a literatura e as plantas* (2021), capítulo “Clarice e as plantas: a poética e a estética das sensitivas.”

Nesses estudos críticos, percebe-se uma forte influência de instrumentais teóricos-conceituais que despontaram ao decorrer das décadas de 1960 e 1970. Trata-se do chamado “pós-estruturalismo”. Com ele, vemos ideias filosóficas e teóricas que passam a girar em torno de “políticas de alteridade”, “associado a nomes bem familiares, como os de Foucault, Deleuze, Derrida e outros” (JAMESON, 1992, p. 94). No que diz respeito à crítica clariciana, esses instrumentais são importantes nas interpretações mais contemporâneas da ficção dessa autora.

A presente análise de *A maçã no escuro*, neste bojo, apresenta filiação com vários aspectos abordados no discurso “pós-moderno”, quando o “pós-estruturalismo” se desenvolveu. Propõe-se, neste artigo, pontuar os traços que deslegitimam “verdades” e pensamentos totalizadores, essencialistas e metafísicos. De acordo com Jane Flax (1992, p. 221), “os discursos pós-modernos são todos “desconstrutivos”, já que buscam nos distanciar de crenças relacionadas à verdade, conhecimento, poder, o eu e a linguagem, que são geralmente aceitas e servem de legitimação para a cultura ocidental contemporânea”. Partindo desse viés, a liberdade aqui analisada não apresenta relação com a ideia de uma “existência de um eu estável e coerente”, tampouco com um “fundamento objetivo, seguro e universal para o conhecimento”, com o “verdadeiro” e a “liberdade” que consiste na “obediência às leis que levam os resultados necessários do uso correto da razão”, apontados por Flax (1992, p. 221-222).

Sob esta compreensão, consideramos que é possível ler em *A maçã no escuro* um sentido de “resistência”. Resistência aqui deve ser entendido como uma perspectiva que se “dá em processo inerente à escrita” e como “tema”, pontuado por Alfredo Bosi (2002, p. 120) em *Literatura e Resistência*, capítulo “Narrativa e resistência”. Nesse sentido, o “resistir” prefigura um viés “ético” e “político”, não se confirmando apenas como “engajamento” declarado, ou seja, em sentido objetivo e “real”, a exemplo dos romances regionalistas da década de 1930, cuja a fome e a miséria são representadas de forma direta, inserindo personagens em vulnerabilidade social. Nesse ponto, concordamos com Bosi ao argumentar que a resistência em narrativas pode ser desenvolvida, “mesmo quando a intersecção se dê fora de um contexto de militância política” (2002, p. 131). Essa discussão é importante para abarcar o sentido de resistência na obra de Clarice, já que a ficção dessa autora perpassa por uma política que envolve, na maioria das vezes, personagens em situação cotidiana e privada. Na escritura clariciana, o político se revela em tensões “individuais” diante do dia a dia de sujeitos anônimos.

Poder-se-ia dizer que a resistência também compreende textos que se desenvolvem em “intensidade” sensorial, sendo capazes de sair de tudo aquilo que abafa a autêntica vida livre. Sob este aspecto, Bosi afirma:

A narrativa lírica, quando atinge certo grau de intensidade e profundidade, supera a rotina da percepção cotidiana e liberta a voz de tudo quanto esta abafou [...] Dois exemplos bastam: a abertura da *Crônica da casa assassinada* de Lúcio Cardoso e toda *A paixão segundo G.H.* de Clarice Lispector. (BOSI, 2002, p. 135)

Destarte, o valor dado à resistência em *A maçã no escuro* opera como um retorno ao lado mais instintivo — não abafado —, em detrimento da racionalidade cartesiana, revelando-se como “restauração” do caráter “incivilizado”, onde se é possível sair da “alienação sensorial”, como aborda Susan Buck-Morss (2012, p. 174). Para ela, à luz de Walter Benjamin, “politizar a arte” significa:

Desfazer a alienação do sensorio corporal, restaurar a força instintiva dos sentidos corporais humanos em prol da autopreservação da humanidade [...] O antídoto ao fascismo se manifesta como resposta política [...] Os sentidos conservam um traço incivilizado e incivilizável, um núcleo de resistência à domesticação cultural. (BUCK-MORSS, 2012, p. 174-176)

A resistência como “sentir” engendra até mesmo o “pré-linguístico”, sublinhado por Buck-Morss (2012, p. 176). Do presente argumento, lembramos que em *A maçã no escuro*, a personagem, em fuga, passa a grunhir quando do contato com a vida natural: “O silêncio das plantas estava no seu diapasão: ele grunhiu aprovando. Ele que não tinha nada a dizer. E que não queria falar nunca mais. Ele que em greve deixara de ser uma pessoa” (LISPECTOR, 1961,

p. 90). A imersão em uma vida não racionalizada, portanto, converge para o sentido político na ficção de Lispector. O político do tipo não-totalitário estimula a saída da “formação colonial íntima”, como sublinha Deleuze e Guattari (2011, p. 226) em *O Anti-Édipo*⁴. Para os pensadores franceses, essa forma de vida colonial é considerada uma existência⁵ triste, opressora, tirana, hierárquica e castradora de possibilidades. Em suma, “nessa colônia interior”, como pensam Deleuze e Guattari (2011, p. 226), muitas vezes, alimenta-se um estilo de vivência fascista dentro de si mesmo.

Em *A maçã no escuro*, a ausência de culpa pelo crime cometido e a fuga para o ar livre — jardim primário e terciário da narrativa —, faz do protagonista um interessante experimentador da vida natural (vegetal, animal e mineral), revelando-se, por vezes, a impessoalidade e o encontro com a existência anti-fascista, porque é anti-totalidade e anti-centralidade. No que diz respeito ao caráter não-fascista, vale a pena trazermos para a nossa reflexão o prefácio “Introdução à vida não-fascista”, publicado na edição americana de *O Anti-Édipo*, de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Dele, interessa-nos o fragmento seguinte: “O indivíduo é produto do poder. Faz-se necessário “desindividualizar” pela multiplicação, deslocando os diversos agenciamentos” (FOUCAULT, 1994, p. 135-136, tradução nossa).

Do argumento de Foucault, faz-se necessário dizer que na ficção de Clarice Lispector se projeta uma saída do campo da personalidade, chegando até mesmo ao nomadismo⁶, como temos em *A maçã no escuro*. Sob este aspecto, Sílvio Gallo (2009, p. 374) afirma que o “indivíduo, célula da comunidade burguesa, é sujeito resultante de um exercício fascista [...] um cuidado de si aplicado a tal sujeito resulta no exercício de um narcisismo que despreza o outro, resulta numa prática política fascista” (GALLO, 2009, p. 374).

Da abordagem política em *A maçã no escuro*, a qual libera o sujeito de qualquer hierarquia, compreende-se que este viés inaugura em nosso *corpus* de análise uma fuga do poder e da domesticação. Esse descompromisso com o poder, vale ressaltar, conduz à insurgência da luta não-fascista na “própria vida (ética)” e “na vida pública (política)”,

⁴ Cf. GALLO, 2009, p. 366-367: “Em 1972, Deleuze e Guattari publicaram na França *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*, talvez o principal programa ético-político pós-Maio de 1968. [...] A continuidade desse projeto encontraremos nas obras seguintes de Deleuze e Guattari, especialmente em *Kafka, por uma literatura menor* (1975) e em *Mil Platôs* (1980).”

⁵ Para Deleuze e Guattari em *O Anti-Édipo*, a psicanálise freudiana funciona como uma contribuição ao capitalismo e à burguesia, porque trabalha com o recalçamento e repressão dos desejos potenciais, favorecendo à família conservadora, à mentalidade capitalista e à propriedade privada, onde se revela o “interior colonial” e “fascista” de muitas pessoas.

⁶ Ver o estudo *A Escritura Nômade de Clarice Lispector*, de Simone Curi (2001). Nele, a pesquisadora desenvolve o conceito de “nomadismo” em *A maçã no escuro*.

pontuado por Gallo (2009, p. 371). Da possibilidade de abordar *A maçã no escuro*, conforme os mencionados aspectos, comunga-se, assim, de uma inauguração de certa vivência dada na impessoalidade, como uma espécie de ética por vir, distante de qualquer perspectiva fascista. Na esteira de *O Anti-Édipo*, de Deleuze e Guattari, a recusa ao poder implica pensar que “a luta contra o fascismo é, sobretudo, uma luta ética: é preciso conduzir nossa própria vida para longe do gosto pelo poder, para longe do desejo da própria repressão. Uma política não-fascista depende de uma ética não-fascista” (GALLO, 2009, p. 369).

Em *A maçã no escuro*, quando da aproximação e chamado orgânico (animal e vegetal), o sentido de “poder” perde seu valor hierárquico para emergir a afetação e contágio entre o homem e outros viventes: “Sem um pensamento, ele sabia o que significava o riso. E às vezes era como se o riso fosse um mugido: ele então erguia a cabeça, atordoado, chamado, poderoso. Mas aguardava. Como se a paciência fizesse parte do desejo, ele aguardava sem se apressar” (LISPECTOR, 1961, p. 117). Desse viés, numa crítica mais recente, Florencia Garramuño (2021, p. 148-149) em “Inauguração do futuro: Clarice Lispector” afirma que a “fascinação contemporânea pela literatura de Clarice Lispector” tem relação com o seu projeto literário, o qual busca o “impessoal”, sendo capaz de ir ao encontro de pulsões selvagens que destroem fronteiras.

Com isto, queremos adiantar que a independência martiniana comunga de uma multiplicidade, nunca da unidade. A emancipação do protagonista de *A maçã no escuro* é anti-capital, anti-burguesa, anti-centralidade, anti-totalidade. Antes, reveste-se do impessoal, da não-metafísica, sendo contrário à busca de uma ética que glorifica pelo individualismo e pela liberdade capitalista, pois é castradora da potência de vida, como se vê em muitas sociedades ditas liberais, as quais pregam a autonomia de existir, no entanto, são pautadas em formas conservadoras, sendo unidirecionais. No romance, o viés aqui apresentado pode ser verificado na aproximação de Martim com as formas de vida animal e vegetal, principalmente. Ao “aceitar” a invocação desse mundo orgânico, o fugitivo passa a “experimentá-lo”, saindo do campo da pessoalidade e “borrando” a noção de humano como algo definido⁷, como podemos verificar nos momentos em que Martim, em devir, faz despertar seu lado animal e impessoal:

Com a nova limpidez da visibilidade, o torpor do homem desapareceu. E como se agora sua energia estivesse a seu próprio alcance e medida, ele se ergueu sem nenhum

⁷ Essa discussão deve ser compreendida de acordo com o pensamento de Giorgio Agamben (2017, p. 24) em *O Aberto*. Para ele, o homem não pode ser dado por “acabado” e “definido”.

esforço. Uma alerteza impessoal o tomara como a de um tigre de patas macias. Agora ele era real e silencioso. (LISPECTOR, 1961, p. 57)

2. A Cultura brasileira e a institucionalização da violência “fascista-burguesa”

Na modernidade, a burguesia tem como parâmetro o liberalismo econômico. No Brasil, instaurado o golpe militar em 1964, a classe burguesa brasileira, justificando uma ameaça comunista, e “a fim de garantir o capital”, como sublinha Roberto Schwarz (1978, p. 71), institucionalizou a violência, radicalizada com o chamado “Ato Institucional Nº5” — AI-5, em 13 de dezembro de 1968. Organizando-se policialmente e com o apoio de parte do empresariado brasileiro, a “liberdade” defendida pela ditadura tem como chave o conservadorismo e a unicidade. Neste bojo, em clima de terror e ameaça aos “traidores da pátria”, os considerados “comunistas” pelo discurso ditatorial, o regime militar censurou a obra de muitos artistas.

George Amaral no artigo “Revolução e autocracia burguesa no Brasil: seus reflexos na educação após o golpe de 1964”, afirma:

A hegemonia burguesa não se limitou ao golpe para tomar o poder, mas atingir várias esferas da sociabilidade. O que imprime e expressa a necessidade de produção das bases capitalistas e reprodução social das relações que constituem a hegemonia burguesa. [...] A institucionalização do golpe veio no contexto da autocracia burguesa na forma da contrarrevolução, impedindo transformações que não fosse a modernização conservadora da classe dominante. (AMARAL, 2019, p. 105)

Na produção artística, o movimento contra-cultural⁸ deu o tom de resposta à violência da ditadura militar no Brasil. Parte da cultura, contrária ao ideário conservador-burguês, nesse sentido, expressou-se “selvagemmente” com o fortalecimento do regime opressor pelo AI-5. Queremos dizer, com isto, que os artistas se aproximaram de uma expressão que revela o selvagem, onde os animais e vegetais têm vez. Neste ínterim, devemos compreender que o selvagem e o aparecimento dos animais, principalmente, na cultura latino-americana, prefiguram qualquer coisa de “signo político”, como sublinha Gabriel Giorgi (2019, p. 10) em *Formas comuns: animalidade, literatura, biopolítica*, sobretudo na década de 1960. Pelo

⁸ Cf. JARDIM, 2017, p. 101-102: “No início dos anos 1970, como reação ao endurecimento do regime, à inviabilidade de participar em uma oposição formal e ao fracasso dos projetos da esquerda, os jovens começaram a experimentar formas de contestação que tinham por alvo não apenas a ditadura militar, mas todas as instituições consideradas opressivas. A própria noção de política se transformou para abrigar uma gama muito ampla de reivindicações. Essa mudança no modo de se conceber a política vinha ocorrendo desde a década anterior no mundo inteiro.”

animal, o sentido político engendra a possibilidade da fuga de vivências domesticadas, por vezes, fascistas quando ligadas ao pensamento gerido pela unicidade e totalidade.

Sob a égide da animalidade, foi possível expressar artisticamente a política de liberação dos corpos e de formas não-conservadoras de existência. Obviamente, várias obras não foram censuradas, outras em parte, quando da presença do animal e do selvagem, pois a censura dos militares, a nosso ver, não compreendeu completamente o tom político dessa relação entre homem, selvagem, animais e vegetais. Exemplo disso é o álbum *Joia* (1975), de Caetano Veloso, que teve a sua capa censurada, porque aparecia o nu, por outro lado, a letra “Joia” não foi removida. O tabu do nu teve que ser “apagado”. Mudou-se a capa⁹ para um todo branco com três pequenos pássaros azuis na frente, entretanto, a música “Joia” continuou presente, politicamente dizendo sobre a maneira selvagem de ser em um contexto de violência e conservadorismo. Eis as artes dos discos — antes e depois da censura:

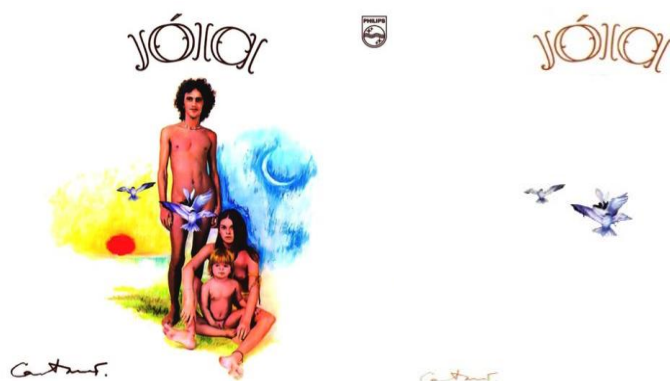


Figura 1: Capa original de *Joia*.

Figura 2: Capa lançada pós-censura.

Na realidade brasileira, a violência militar advinda do golpe e de toda a história colonial e opressora do país, potencializou a aproximação com a animalidade, projetando-se como maneira autêntica de dizer qualquer desejo de liberdade reprimida naquele momento. Assim, nessa vontade de liberar os corpos como potência de vida, a voz e o pensamento não-conservadores, a arte conseguiu expressar-se nesse umbral de repressão. No conteúdo artístico, a potência criativa e viva se abrem, mesmo com a censura institucionalizada, conforme a aproximação e chamado animal e vegetal. Nesse apelo orgânico, coloca-se em jogo um intento não-fascista do ser, como sublinha Simone Curi, à luz de Bataille, no que diz respeito à ficção lispectoriana. Para ela, “como diria Bataille, a vida soberana (a vida não-fascista) começa

⁹ Na primeira capa, consta Caetano Veloso, sua primeira esposa, a Dedé, e seu filho Moreno Veloso. Na segunda — a versão censurada —, acreditamos que os três pássaros azuis podem sugerir a presença do cantor e sua família, metaforicamente colocados num tom de liberdade.

quando, garantido o necessário, a possibilidade de vida não cessa de se abrir sem limite” (CURI, 2001, p. 16).

Na literatura, temos vários exemplos, como o poema “Os selvagens”¹⁰, de Olga Savary (1967). Na música, é emblemático o famoso disco *Gal*, de Gal Costa, lançado em 1969¹¹. No álbum de teor roqueiro, psicodélico e contra-cultural, a cantora expressa o contexto artístico da época, em uma musicalidade que mistura gritos, ruídos, e sons quase guturais de animais. Na capa, os animais que lembram inclusive alienígenas, tomam conta. Ei-la:



Figura 3: Capa do disco *Gal*.

Na mesma década, em 1967, é importante mencionar também a encenação de *O Rei da Vela*, de Oswald de Andrade, no Teatro Oficina de Zé Celso. Censurada pela ditadura militar em 1968, o diretor e ator considerava a peça oswaldiana escrita em 1933 uma crítica ao capitalismo e à burguesia. No que tange à compreensão desse teatro sobre o momento histórico brasileiro pós-golpe militar, Roberto Schwarz (1978, p. 85) explica que o “Oficina ergueu-se a partir da experiência interior da desagregação burguesa em 64”. É possível confirmar o tom da crítica ao capital na fala de Abelardo I, personagem de *O Rei da Vela*:

Tenho estudado melhor. Somos parte de um todo ameaçado — o mundo capitalista. Se os banqueiros imperialistas quiserem... Você sabe, há um momento em que a burguesia abandona a sua velha máscara liberal. Declara-se cansada de carregar nos ombros os ideais de justiça da humanidade, as conquistas da civilização e outras besteiras! Organiza-se como classe. Policialmente. (ANDRADE, 1973, p. 107)

¹⁰ Cf. SAVARY, 2021, p. 42: “Aqueles que são selvagens se aproximam/ pela água/ e procuram o jardim secreto no sumidouro/ do rio. / Seus corpos são mágicos espelhos provisórios/ na tranquila desordem de planta inaprendida. / Peixes olham para eles como se os conhecessem/ sempre/ (são de um mesmo reino impreciso e líquido). / Aqueles que são selvagens não têm pressa/porque inauguram o tempo/ e o magiciam.”

¹¹ Cf. RODRIGUES, 2007, p. 70: “O disco mais agressivo do Tropicalismo traz a capa mais contundente dessa fase. Uma ilustração surrealista, feita por Dcinho [...] Rostos humanos, animais fantásticos, seres intergalácticos e o nome da cantora se fundem num cenário estelar. A comunicação se dá por meio de representações oníricas, e não da imagem da cantora ou do seu nome. A capa de Gal é totalmente psicodélica e também enfatiza a sintonia da antropofagia cultural com os eventos globais.”

Vale a pena lembrar, de acordo com a nossa reflexão, que a violência estrutural do contexto social brasileiro e de toda a América Latina emerge de uma configuração histórica mais ampla, podendo ser explicada pelas ditaduras que se espalharam por vários países latino-americanos, mas também por todo o período colonial, marcado pelo pensamento que tem como base a unicidade, nunca a pluralidade. Na contemporaneidade, consideramos que as várias violências históricas do passado latino-americano reverberam até o presente, muitas vezes, institucionalizada pelo Estado em suas várias formas.

Nossa proposta, nesse sentido, é interpretar o romance *A maçã no escuro*, utilizando-nos dos instrumentais teóricos e críticos mais recentes, lendo-o como saída de uma emancipação capitalista, conservadora e violenta. Ao contrário, nele, abordaremos um sentido de liberdade em estado de futuro, porque emerge da alteridade e na mistura dos outros viventes. Estamos, pois, no campo do devir, o qual como pensa Curi (2001, p. 83), “não tem condição final, não visa a um ser”.

Em suma, compreendemos a andança de Martim como condição que emerge de uma vida criativa — potencialmente selvagem. No que tange ao nosso *corpus*, a narrativa lispectoriana coloca em evidência vários aspectos da compreensão cultural latino-americana. Sendo ficção publicada em 1961, antes do advento da institucionalização da ditadura militar (1964), reflete o apelo animal, assim como emerge no romance uma experiência que expõe uma vivência fora da violência histórica sempre presente no contexto brasileiro, porque se coloca no plano da alteridade após o “pulo” do homem ao jardim primário. Da aproximação com o natural, o homem, aos poucos, passa por um processo de desapego à vida de antes da fuga, desconstruindo-se na diferença que advém do inumano.

Da “intertroca” e contágio com o não-humano — forma de mostrar que existe uma autêntica vida livre —, Martim esquece, por vezes, o intento de estar fugindo — o suposto crime —, tamanho é o envolvimento com a sua nova emancipação, como temos nos títulos da primeira e segunda parte da narrativa — “Como se faz um homem” e o “Nascimento do herói”. Como ficção latino-americana da década de 1960, o romance dialoga com toda a potência indomesticadora do selvagem, presente em várias obras da América Latina. Nessas ficções, explora-se um evidente “contra-discurso”, destituindo a visão de “unidade” colonial, a “única medida que conta” na perspectiva eurocêntrica, apontado por Silviano Santiago (2000, p. 14), à luz de Derrida, em “O entre-lugar do discurso latino-americano.”

3. *A maçã no escuro* e a questão da liberdade autêntica, circular e impessoal: a vida errante de Martim e a conversa crítica com Brasília

Considerando o trajeto do protagonista de *A maçã no escuro*, desde o pulo ao jardim terciário e primário, arriscamo-nos a dizer que a personagem Martim, paradoxalmente, é Brasília e “anti-Brasília”. Para isto, gostaríamos de dialogar com outra importante narrativa da literatura brasileira: *Grande sertão: veredas* (1956), de Guimarães Rosa. No ensaio *Genealogia da ferocidade*, Silviano Santiago afirma que o romance de Rosa, lendo-o a partir de Derrida e outros, é o “contrário da nova capital federal — ribeirinho e verde, barrento e encardido, anárquico e selvagem” (SANTIAGO, 2017, p. 21). Em suma, esse “monstro”, sem requerer a calmaria da bossa-nova, é “ácido, corrosivo e principalmente intempestivo” (SANTIAGO, 2017, p. 23). Destarte, sendo “anti-Brasília”, *Grande sertão: veredas* comunga do indomesticado, da abertura e das formas potenciais da vida — *the wilderness*.



Figura 4: Brasília após a inauguração (1960).

Fonte: Instituto Moreira Salles (IMS)

Dessa forma, pensando *A maçã no escuro*, à luz da aproximação entre Martim e orgânicos e inorgânicos, a narrativa de Lispector, que teve a sua primeira versão¹² em 1956, em parte, também é “anti-Brasília”, porque reúne as forças da alteridade, certa brutalidade animal, da indomesticção, da impessoalidade e da não-totalidade. No que tange à Brasília, vale a pena dialogarmos com o texto “Visão do Esplendor”, de Clarice Lispector.

¹² Até a publicação, em 1961, Lispector modificou vários aspectos da obra, como comprova as cartas trocadas entre ela e o escritor Fernando Sabino ao longo de 1956. Cf. SABINO; LISPECTOR, 2011, p. 121-175.

Em um determinado momento, a autora diz: “Construção com espaço calculado para as nuvens. O inferno me entende melhor. Mas os ratos, todos muito grandes, estão invadindo. Essa é uma manchete invisível nos jornais. — Aqui eu tenho medo. — A construção de Brasília: a de um Estado totalitário” (LISPECTOR, 2016, p. 592). Partindo dessa visão clariciana da capital federal, Martim é a fuga de qualquer cálculo e organização, quando da aproximação com outros seres. Não sendo linha reta totalizadora, antes, é aquele que cruza terrenos terciários e selvagens, em multiplicidade. Perguntamo-nos: Brasília permitiria ao fugitivo a condição de ser selvagem — grunhir — como foi no jardim primário? E ainda: como ser selvagem numa cidade projetada, organizada, idealizada e artificial? Da pergunta, poderíamos pensar que Brasília é o espelho contrário de Martim.

Com isso, continuamos o questionamento: Sendo ela perfeita, recusaria os “erros” do fugitivo? Este, ser de vida arriscada, selvagem e transgressora, que, mesmo em fuga, para por longos momentos diante da vida orgânica e inorgânica, pega um passarinho na mão e faz um sermão às pedras. Sobre Brasília, Lispector diz: “É uma cidade redonda e sem esquinas [...] Brasília é uma piada estritamente perfeita e sem erros. E a mim só me salva o erro” (LISPECTOR, 2016, p. 595- 596).

Na capital, de acordo com o texto “Visão do Esplendor”, sente-se um ambiente “religioso”: “o ar religioso que senti desde o primeiro instante, e que neguei. Esta cidade foi conseguida pela prece” (LISPECTOR, 2016, p. 595). De Brasília, o foragido pode comungar de um estado cíclico, uma certa redondeza arcaica e mítica, como pensa Sousa (2021, p. 173). No entanto, acreditamos que a vontade de “perfeição” da cidade negar-lhe-ia a sua vida errante. Carlos Mendes de Sousa no artigo “Brasília, a extrósima”, inicia a sua reflexão comparando Brasília com *A maçã no escuro*. Segundo o crítico, “o que Clarice Lispector disse sobre Brasília talvez pudesse ter dito sobre os seus próprios textos, concretamente sobre *A maçã no escuro*, livro fascinante, sem esquinas” (SOUSA, 2021, p. 169).

No que tange à vida errante das esquinas em “Visão do Esplendor”, temos: “se não há esquinas, onde ficam as prostitutas de pé fumando? ficam sentadas no chão? E os mendigos? têm carro? pois só se pode andar de carro lá” (LISPECTOR, 2016, p. 598). O “herói” errante de *A maçã no escuro* é o sujeito que se demora em frente à paisagem e no contato/contágio com outros seres. Dessa maneira, “deslocando-o” para Brasília, ele necessitaria de “esquinas”, porque só vive pelo erro e pelo risco. O homem, nesse sentido, flerta mais com a “minororia”, pois, como afirma Curi (2001, p. 51), o “minoritário, então, é devir potencial, criativo”, cuja força dá-se na contramão da “subjetividade capitalista”.

Como dissemos, em *A maçã no escuro* não há espaço para totalitarismos. Nega-se a punição, antes, em “deslizamento” e indomesticção, foge-se. Destarte, o herói é “anti-Brasília”, pois recusa o estado de “vigiar e punir”, como se revela em “Visão do Esplendor”: “Fiquei com vergonha de tirar a roupa para tomar banho. Como se um gigantesco olho verde me olhasse implacável. Aliás Brasília é implacável. Senti-me como se alguém me apontasse o dedo: como se pudessem me prender ou tirar meus documentos” (LISPECTOR, 2016, p. 598). O protagonista de *A maçã no escuro* é preso ao final da narrativa, sendo levado pelo crime cometido, entretanto, a sua nova experiência com a vida selvagem — animal e vegetal —, não lhe pode ser tirada, existindo para além da punição. Este foi o ganho de Martim: a possibilidade de experimentar da alteridade.

Martim comunga do animal e do vegetal, misturando-se — em devir — com eles. O homem, assim, é o contrário de Brasília, cidade “redonda”, como diz Lispector, mas pouco selvagem e indomesticada, como pensa Silviano Santiago (2017) ao comentar *Grande sertão: veredas*. No tocante à capital brasileira como cidade “não-animal” e afeita à classificação, a autora escreve:

Brasília, seja um pouco bicho também. É tão bom. Tão bom mesmo [...] eu sou bicho [...] Brasília é o mistério classificado em arquivos de aço. Tudo lá se classifica [...] Brasília tem Jardim Botânico? e tem Jardim Zoológico? Faz falta, porque não é só de gente que se vive o homem. Ter bicho é essencial. (LISPECTOR, 2016, p. 608-614)

Em *A maçã no escuro*, o foragido flerta com o indomesticado, porque não se classifica, sendo contagiado e afetado na intertroca com todas as formas vicinais. O romance se revela em sua animalidade, nisso que também habita no homem, pois como sublinha Carlos Mendes de Sousa (2012, p. 283) em *Clarice Lispector: Figuras da Escrita*, na esteira de Bachelard, a ficção clariciana expõe o “fundo de animalidade que existe em todos os seres”. Na narrativa, essa aproximação com a vida animal, prefigura-se principalmente quando do contato de Martim com as vacas do curral na fazenda de Vitória: “foi assim que o novo e confuso passo do homem foi sair uma manhã de seu reinado no terreno para a meia luz do curral onde as vacas eram mais difíceis que as plantas” (LISPECTOR, 1961, p. 104).

Como se vê no fragmento citado, o homem sai do mundo das plantas para o das vacas. Numa espécie de “indecisão”, não abandona nenhum reino, experimentando quase “antropofagicamente” de todos. Nisto, o protagonista é o avesso de Brasília, já que ela é pura decisão — “é homem” —, como comenta Clarice: “sou tão indecisa. Brasília é decisão. Brasília

é homem: E eu, tão mulher. Vou andando às trambolhadas. Esbarro aqui, esbarro ali” (LISPECTOR, 2016, p. 617). O herói de *A maçã no escuro* é “chamado” pelo inclassificável.

Consideramos este ponto interessante no conjunto da ficção clariciana. Tendo consciência que a literatura de Lispector apresenta, em sua maioria, enredos que giram em torno de personagens femininas, Martim é um dos casos raros no que tange à condição de “protagonismo” nas narrativas da autora. Ele experimenta da alteridade com a vida natural, como temos no itinerário de várias protagonistas claricianas. Nessa afetação — contágio — com a vida orgânica, é possível ensaiar a saída provisória do poder e da hierarquia de cunho patriarcal e centralizador, sendo assim um dos textos mais radicais da escritora, porque coloca o masculino em processo de “deseroização”. Sobre o estudo do masculino na literatura de Lispector, António Ladeira (2021) argumenta em “Homem devorador, animal regenerador: Duas variantes do masculino monstruoso em Clarice Lispector”:

No universo de Clarice Lispector, as personagens femininas e as respectivas marcas de gênero geram um interesse crítico crescente que remonta, para não ir mais longe, aos anos 1970. O mesmo não se poderá dizer dos personagens masculinos. Se a questão do feminino em Lispector é relativamente polêmica, mais o será a questão da masculinidade, na sua articulação com os personagens masculinos, muitas vezes tidos como pouco significativos num universo ostensivamente não masculino. A escassez de estudos sobre este tema, na minha opinião, constitui uma lacuna a preencher. A crítica brasileira Bernadete Grob-Lima afirma que uma certa “corrente feminista” omite em seus estudos as personagens masculinas e todo o seu esplendor. Não se fala do desempenho de Martim [*A maçã no escuro*], Dr. Lucas, Perseu, Mateus [*A cidade sitiada*], Ulisses [*Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*], Daniel [*O lustre*]. (LADEIRA, 2021, p. 51)

Diante disso, não estando mais ligado à perfeição, Martim desliza num mundo de errância. Para isto, a sua experiência está envolvida, comparativamente, com a história de Ana do conto “Amor”, de *Laços de Família* (1960), na medida em que ele, ao contrário de Brasília, que, segundo Clarice (2016, p. 598), querendo uma “sombra de árvore”, diz que elas “não convencem”, sendo artificiais, pois “parecem de plástico”, requer um mundo “carregado que apodrece”, como aquela vida orgânica do Jardim Botânico¹³ do Rio de Janeiro, todo projetado para ser diverso e apodrecer nos bancos e no chão do espaço *in natura*.

Assim, a trajetória martiniana compartilha desse mundo vegetal que espalha as folhas e frutos no chão, manchando-o de cor de matéria orgânica informe e deteriorada, já que não pede

¹³ Cf. LISPECTOR, 2016, p. 150-151: “Nas árvores as frutas eram pretas, doces como mel. Havia no chão caroços secos cheios de circunvoluções, como pequenos cérebros apodrecidos. O banco estava manchado de sucos roxos. [...] As árvores estavam carregadas, o mundo era tão rico que apodrecia. Quando Ana pensou que havia crianças e homens grandes com fome, a náusea subiu-lhe à garganta.”

a “limpeza”, a perfeição, a idealização, a norma. Para Evando Nascimento, comentando o conto “Amor”, a vida vegetal implica a “experiência de emaranhamento”, no qual a “vivência no Jardim, esse éden às avessas, vai ser multissensorial” (NASCIMENTO, 2021, p. 207). Neste ínterim, a personagem de *A maçã no escuro* comunga da circularidade de Brasília, entretanto, precisando de vida orgânica “carregada” — animal e vegetal—, expurgaria a capital, fugindo para dentro do Brasil, onde há jardins e terrenos primários, confundindo-se com eles. No ambiente “terciário”, o fugitivo se emaranha com o inumano, sugerindo a perda da identidade definitiva — a subjetividade burocrática e unidirecional do individualismo burguês e do “espírito cultural” do capitalismo.

Sob esta égide, o acusado de crime, recusando a linha reta, adentra por um longo momento o “coração do Brasil”, misturando-se com todas as formas vicinais de existência. Em intertroca com os vegetais, pássaros, minerais, por exemplo, ele deixa de seguir com linearidade, atravessando, parando e contagiando-se com os seres:

Depois do que, Martim se ergueu. E sem questionar o que fazia, ajoelhou-se diante de uma árvore seca para examinar seu tronco: não parecia mais precisar de raciocinar para resolver, tinha-se desembaraçado disso também [...] Foi mais além que estacou diante do primeiro passarinho. Desenhado na grande luz estava um passarinho. Como Martim estava livre, essa foi a questão: na luz o passarinho. (LISPECTOR, 1961, p. 28)

Com isto, coloca-se na clave da heterogeneidade, dado que comunga, utilizando-nos das palavras de Jacques Derrida (2002, p. 60), de uma “multiplicidade heterogênea de viventes”. Nessa recusa à indomesticção, Martim é potencializado pela aproximação com a natureza em seu caráter “abissal”, porque “a fronteira não forma mais uma só linha indivisível mas linhas; e quando, em consequência, ela não se deixa mais traçar, nem objetivar nem contar como uma e indivisível” (DERRIDA, 2002, p. 60). Neste bojo, a personagem de Clarice, em certos aspectos, é também Brasília — circular: “Nenhum pensamento perturbava sua marcha constante e já insensível, senão de vez em quando a ideia mal aclarada de que talvez estivesse andando em círculos, com a desconcertante possibilidade de se achar de novo diante das paredes do hotel” (LISPECTOR, 1961, p. 17).

Em Brasília, segundo Carlos Mendes de Sousa (2021, p. 172-173), “representa-se uma cidade que cumpre os atributos do lugar mítico circular: a concretização de uma abstração ou idealização”. Então, se o sujeito, em parte, é “anti-Brasília”, no sentido de expurgar qualquer “totalitarismo”, por outro, é Brasília, já que nela se “permite uma série de cruzamentos, de jogos, de entrelaçamentos” (SOUSA, 2021, p. 179).

Em alteridade, observa-se muitas “entradas” na nova capital do Brasil. Como entende Sousa (2021, p. 172), ao comentar o texto “Visão do Esplendor”, “a ‘Brasília de Clarice’ é um lugar onde, como que distraidamente, mil portas se abrem”. Em nossa reflexão, estamos tentando abrir e dialogar com várias dessas “portas” da visão lispectoriana, em diálogo com a experiência martiniana. Da cidade, dizemos, sem pretensão em conceituar nada, que o fugitivo é não totalizador, antes, é circular, para ser impessoal e anônimo.

É neste viés que se encontra a independência do protagonista, isto é, na “perda momentânea dos traços individuais” (CURI, 2001, p. 29). Trata-se de uma saída da personalidade e da identidade como definição, soberania e acabamento. Em *A Escritura Nômade em Clarice Lispector*, Simone Curi argumenta:

Martim cria uma espécie de cartografia de seu próprio universo quando rompe com as organizações, com as instituições. Viaja de modo liso, expande-se para além dos limites do conhecido, abre espaços para encontros, experimentações desde o nível mais superficial do corpo até destitui-lo e descentrá-lo. Traz à tona a proximidade de outros reinos quando não é o humano soberano quem nomeia. Reencontra-se nas pedras, nos animais, nas plantas. (CURI, 2001, p. 173)

Como dissemos no início desse artigo, Benedito Nunes, em 1965, já apontava a desvinculação social por parte do fugitivo e a aproximação com a vida natural. Entretanto, nessa reflexão crítica nunesiana, publicada em plena ditadura militar e imersa nas compreensões do existencialismo heideggeriano, o filósofo não aborda a questão da aproximação mais real entre o sujeito¹⁴ e outros viventes, o que será possível a partir de uma crítica mais deleuziana, como temos no livro de Simone Curi (2001), assim como no estudo *Clarice Lispector: Figuras da Escrita*, de Carlos Mendes de Sousa, com primeira publicação em 2000.

Além disso, numa crítica mais recente, sobretudo com a chamada Ecocrítica, as viradas animais e vegetais e a biopolítica, verifica-se um instrumental teórico e crítico mais abrangente para pensarmos a autonomia do protagonista pelas vias da retirada da “ordem” e do “progresso” em sentido positivista e burguês. Para Curi (2001, p. 200), “Martim assim se liberta do capitalismo e retorna a uma ordem quase feudal”. Dessa forma, considerando uma perspectiva mais contemporânea na crítica da ficção clariciana — o sentido político —, o chamado orgânico e inorgânico em *A maçã no escuro* inaugura a possibilidade de uma liberdade autêntica, dada

¹⁴ Em contraposição à nossa interpretação da ficção de Clarice Lispector, Benedito Nunes em seu estudo de 1965 afirma que a produção artística da escritora apresenta questões que envolvem a vontade da completude do ser, uma espécie de “estágio definitivo” do indivíduo. Conforme Nunes (1965, p. 5): “a inquietação que tortura os indivíduos é o desejo de ser, completa e autenticamente — o desejo de superar a aparência, conquistando algo assim como um estado definitivo.”

como experiência de intensidade, muito diferente da burguesa — moldada pelas vias racionais, pelo lucro e pelo logocentrismo ocidental.

Estamos direcionando a nossa interpretação para uma ideia de experiência futura, tal como foi pensado por Walter Benjamin (2019, p.13) em *Sobre o Programa de Filosofia por vir*. Nessa compreensão, o que se encontra em jogo é a invalidação das certezas cartesianas e da universalidade, empobrecedoras que são de uma vivência autêntica. Aqui se evidencia o tom político em Lispector. Em diálogo com o texto *A política em Clarice Lispector*, de Silviano Santiago (2014, *on-line*), dá-se numa perspectiva benjaminiana, isto é, num *por vir*, no qual se coloca um viés também “pré-racional”. Na “crítica marxista ortodoxa”, segundo o ensaísta, não se compreendeu a “política revolucionária do texto de Clarice”, o que talvez explique o fato da escritora ter sido considerada “hermética” por muitos leitores ao longo da história de sua recepção. Para compreender o político em Clarice Lispector, neste viés, faz-se mister situar a sua obra sob a perspectiva do sentido original do vocábulo “Estético”, ligado à sensação, como explica Susan Buck-Morss:

Será útil, sim, recordar o significado etimológico original da palavra “estética”, porque a revolução de Benjamin nos remete precisamente a essa origem. *Aisthitikos* é a antiga palavra grega que designa o que é “percebido pela sensação”. *Aisthisis* é a experiência sensorial da percepção. O campo original da estética não é a arte, mas a realidade — a natureza material, corpórea. [...] Ela é uma forma de cognição obtida por meio do paladar, do tato, da audição, da visão e do olfato — de todo o sensorio corporal. (BUCK-MORSS, 2012, p. 175-176)

No itinerário de Martim, há muitos momentos em que a sensação é motor fundante da caminhada do fugitivo. Por meio da exploração sensorial, a personagem, em devir, experimenta das formas de vidas inumanas, utilizando-se do seu próprio corpo, como vemos na passagem em que o protagonista se aproxima da terra úmida, como que vivendo um modo de ser planta:

As raízes eram grossas e cheirosas naquele fim de tarde — e provocaram em Martim uma inexplicável fúria de corpo como um amor indistinto [...] A terra, numa promessa de doçura e submissão, parecia friável — e Martim, aparentemente sem outra intenção que a do contato, abaixou-se e quase sem interromper os passos tocou-a um instante com os dedos. Sua cabeça se tonteou ao contato delicioso da umidade, ele se apressou de boca aberta. (LISPECTOR, 1961, p. 62)

Em *A maçã no escuro*, só podemos pensar em alteridade caso estejamos falando em “direção contrária da razão prática”, como afirma Curi (2001, p. 206). Nosso entendimento da experiência martiniana — do apenas existir em “sensações” —, não prefigura nenhum sentido essencialista. Em suma, quando Nunes (1965, p. 5), por exemplo, diz que “o problema de

Martim” é o “seu esforço para ser”, privilegamos este como modo de existir autêntico, cujo intento é não buscar inteireza ou completude, criando “forma” definitiva, ou ainda, não há aqui qualquer visão de glória ou aspecto que lembre esperança ou epifania religiosa, tampouco “sofrimento para ganhar”, vista em uma compreensão cristã, na qual se encontra inclusive a lógica do trabalho — do latim *tripalium*, instrumento de tortura.

Benedito Nunes (1995, p. 41) em *O Drama da Linguagem*, capítulo “A maçã no escuro ou drama da linguagem”, interpreta o *corpus* de nosso estudo na possibilidade de ler a vivência da personagem na “linha da revolta romântica”, como ele chama, implicando na “dialética da vida espiritual presente no romance”, em que se verifica a “conversão religiosa do protagonista”, ao final. O presente argumento é interessante para problematizarmos uma suposta presença da mentalidade cultural religiosa na narrativa.

Em contraposição à compreensão nunesiana, acreditamos que Clarice Lispector descoloniza qualquer narrativa bíblica no itinerário do fugitivo. Nesse sentido, concordamos com Bernadete Grob-Lima ao comentar *A Paixão Segundo G.H.*, servindo-nos de referência para interpretarmos *A maçã no escuro*. De acordo com a pesquisadora, “G.H. relata sua experiência mediante uma subversão do código teológico. Seu texto é uma alteridade do texto bíblico. Ela neutraliza, através da paródia, a tradição religiosa dominante, integrando-a num sistema de significações abrangentes” (GROB-LIMA, 2009, p. 28).

Longe do entendimento de emancipação “burguesa-individualista” — clave da estética Romântica —, em que a natureza é apenas reflexo da alma emocional e subjetiva do romântico, nessa experiência futura de Martim, a *natura* é o espaço da troca, do afeto e do contágio. Nesses jardins e terrenos terciários, não se caminha em linha reta, pois sendo nômade, “precisa da terra apenas para cruzá-la. Abrir passagem no território limitado, pontuado, sem objetivos específicos, além do de atravessá-lo” (CURI, 2001, p. 61). Na travessia, como estamos sublinhando, há paradas rumo ao contato entre homem e outros seres vivos, sendo por meio deles que o sentido burocrático da vida, a liberdade limitada da burguesia, porque conservadora, desfaz-se para possibilitar uma ideia — um signo político — de liberação do ser:

Olhou em torno de si para o círculo perfeito que, num horizonte estarecido, o céu de luzes fazia ao se unir a uma terra cada vez mais suave, cada vez mais suave, cada vez mais suave... A suavidade incomodou o homem com um prazer de cócega, “é, sim!”, e ele livre, libertado pelas suas próprias mãos — pois de súbito pareceu-lhe que fora isso o que lhe sucedera há duas semanas. (LISPECTOR, 1961, p. 29-30)

Por fim, enfatizamos que a vida livre em *A maçã no escuro* dá-se no futuro: “foi como se todo um futuro ali mesmo se estivesse esboçando, e ele só fosse conhecer os detalhes à medida que os criasse. Martim passara a pertencer a seus próprios passos” (LISPECTOR, 1961, p. 131). Neste entendimento, a liberdade autêntica promulgada ficcionalmente pelo narrador não se comunica pela égide da subjetividade burguesa, ao contrário, engendra-se na alteridade e na capacidade em ser afetado por todos os inumanos. Sob esta compreensão, acreditamos que a experiência martiniana, pelo menos enquanto a sociedade estiver organizada no molde liberal-capitalista, constitui-se como ato de transgressão vinculado a um projeto de futuro — quem sabe numa outra cosmologia, talvez possível, antes da destruição do mundo ou da “queda do céu” — aquela da “profecia cosmoecológica” (KOPENAWA, 2015, p. 52).

Referências Bibliográficas

- AMARAL, George. Revolução e autocracia burguesa no Brasil: seus reflexos na educação após o golpe de 1964. *Revista do Instituto de Políticas Públicas de Marília*, Marília, v. 5, n.1, p. 91-108, Jan./Jun., 2019.
- ANDRADE, Oswald de. O Rei da Vela. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973, p. 57-121.
- AGAMBEN, Giorgio. *O Aberto: o homem e o animal*. Trad. Pedro Barbosa Mendes. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- BENJAMIN, Walter. *Sobre o programa da filosofia por vir*. Trad. Helano Ribeiro. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2019.
- BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. In: *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 118-135.
- BUCK-MORSS, Susan. Estética e anestésica: uma reconsideração de *A obra de arte* de Walter Benjamin. Trad. Vera Ribeiro. In: CAPISTRANO, Tadeu (Org.). *Benjamin e a obra de arte: técnica, imagem, percepção*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012, p. 173-222.
- CATANI, Afrânio Mendes. *O que é o Capitalismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.
- COSTA, Gal. *Gal*. Arte da capa: Dicinho. Rio de Janeiro: Philips, 1969. 1 disco sonoro.
- CURI, Simone. *A Escritura Nômade de Clarice Lispector*. Chapecó: Argos, 2001.
- DERRIDA, Jacques. *O animal que logo sou*. Trad. Fábio Landa. São Paulo: UNESP, 2002.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo*. Trad. Luiz Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2011.

FOUCAULT, Michel. Préface. In: *Dits et Écrits III*. Paris: Gallimard, 1994, p. 133-136.

FLAX, Jane. Pós-modernismo e as relações de gênero na teoria feminista. Trad. Carlos A. de C. Moreno. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992, p. 217-250.

GARRAMUÑO, Florencia. Inauguração do futuro: Clarice Lispector e a vida anônima. In: DINIZ, Júlio (Org.). *Quanto ao futuro, Clarice*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo; Puc Rio, 2021, p. 139-149.

GALLO, Sílvio. Entre Édipos e *O Anti-Édipo*: estratégias para uma vida não-fascista. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Org.). *Para uma vida não-fascista*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 363-376.

GIORGI, Gabriel. *Formas comuns: animalidade, literatura, biopolítica*. Trad. Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

GROB-LIMA, Bernadete. *O Percurso das personagens de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

GINZBURG, Jaime. Clarice Lispector e a razão antagônica. In: SCHMIDT, Rita Terezinha (Org.). *A ficção de Clarice: nas fronteiras do (im)possível*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2003, p. 85-99.

JAMESON, Frederic. Periodizando os anos 60. Trad. César Brites e Maria Luiza Borges. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992, p. 81-126.

JARDIM, Eduardo. *Tudo em volta está deserto: encontros com a literatura e a música no tempo da ditadura*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2017.

LADEIRA, Antônio. “Homem devorador, animal regenerador: Duas variantes do masculino monstruoso em Clarice Lispector”. In: ROSENBAUM, Judith; PASSOS, Cleusa Rios P. (Org.). *Um Século de Clarice Lispector: ensaios críticos*. São Paulo: Fósforo, 2021, p. 51-66.

LISPECTOR, Clarice. *A maçã no escuro*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1961.

LISPECTOR, Clarice. Visão do Esplendor. In: MOSER, Benjamin. *Todos os contos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2016, p. 589-618.

LISPECTOR, Clarice. Amor. In: MOSER, Benjamin. *Todos os contos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2016, p. 145-155.

LIMA, Luiz Costa. A Mística ao Revés de Clarice Lispector. In: *Por que Literatura*. Petrópolis: Vozes, 1969, p. 98-124.

NASCIMENTO, Evando. *O Pensamento Vegetal: a literatura e as plantas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

NUNES, Benedito. O Jogo da linguagem. *O Estado de São Paulo*, Suplemento Literário, São Paulo, n. 455, p. 5, 20 nov.1965.

NUNES, Benedito. *O Mundo de Clarice Lispector*. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas, 1966.

NUNES, Benedito. *O Drama da Linguagem: uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Ática, 1995.

RODRIGUES, Jorge Caê. *Anos fatais: design, música e Tropicalismo*. Rio de Janeiro: Novas Ideias, 2007.

SABINO, Fernando; LISPECTOR, Clarice. *Cartas Perto do Coração*. Rio de Janeiro: Record, 2011.

SANTIAGO, Silviano. *Genealogia da Ferocidade*. Recife: Cepe, 2017.

SANTIAGO, Silviano. *A política em Clarice Lispector*. Disponível em: <https://www.rocco.com.br/blog/a-politica-em-clarice-lispector/>. Acesso em: 13 de Abril de 2022.

SANTIAGO, Silviano. “O entre-lugar do discurso latino-americano”. In: *Uma Literatura nos Trópicos: Ensaios sobre dependência cultural*. 2.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 9-26.

SAVARY, Olga. *Coração Subterrâneo: poemas escolhidos*. Posfácio de Laura Erber. São Paulo: Todavia, 2021.

SOUSA, Carlos Mendes. Brasília, a extrósima. In: ROSENBAUM, Judith; PASSOS, Cleusa Rios P. (Org.). *Um Século de Clarice Lispector: ensaios críticos*. São Paulo: Fósforo, 2021, p. 169-183.

SOUSA, Carlos Mendes de. *Clarice Lispector: figuras da escrita*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2012.

SCHWARZ, Roberto. Cultura e Política, 1964-1969. *O Pai de família e outros estudos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p. 61-92.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

VELOSO, Caetano. *Joia*. Arte da capa: Caetano Veloso e Aldo Luiz. Rio de Janeiro: Philips, 1975. 1 disco sonoro.

*Recebido em 13 de abril de 2022
Aceito em 19 de setembro de 2022*